



**PARTE 2**  
**ENTREVISTA:**  
**CURT MEYER-CLASON**



# CURT MEYER-CLASON

Diálogo entre a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lígia Chiappini, do Zentralinstitut Lateinamerika-Institut, Freie Universität Berlin, e Curt Meyer-Clason, tradutor de Guimarães Rosa para o alemão (Munique, 25. Mai 2001).

- P.: *Lendo os diversos textos que o Senhor publicou sobre a sua longa experiência como escritor e tradutor, especialmente o belo livro **Ilha Grande**, gostaríamos de saber como o Sr. encara esse livro. Um livro de Memórias? Memórias de um tempo difícil, já que traz o nome de uma prisão em que o Sr. esteve recolhido por 5 anos? Por outro lado, o tom do livro é idílico e a evocação desse tempo muito poética. A Ilha Grande, em vez de uma prisão inóspita, aparece como um berço em que o Sr. teria renascido. Aí ter-se-ia produzido uma espécie de rito de passagem? Da primeira juventude para a maturidade? Do homem de negócios para o apaixonado escritor-tradutor?*
- R.: **Ilha grande** é o relatório de uma época que separa duas fases de minha vida: a existência comercial, racional, com alvo de sucesso econômico, e a nova existência almejada, planejada: a vida existencial, meditativa, contemplativa, literária. O trânsito de um membro da sociedade de classes para uma sociedade de homens, de gente. Em vez de morrer na Europa, entre milhões de jovens das múltiplas gerações, motivados pela obediência, pelo ódio e o desespero, o meu destino deu-me a graça de aprender e estudar na livre paz dessa ilha beneficiada.
- P.: *O Sr. alguma vez pensou que naquela mesma ilha alguns anos antes esteve preso um escritor brasileiro que tem para com ela uma atitude diametralmente oposta? Graciliano Ramos? Pensando no amargo distanciamento com que Graciliano descreve a sua prisão em **Memórias do Cárcere**, poderíamos dizer que, apesar de ser geograficamente a mesma ilha, existencialmente trata-se de uma outra? Ou para sermos mais diretos, a sua Ilha Grande é a mesma de Graciliano Ramos?*
- R.: A sorte de Graciliano Ramos conheci mais tarde, pela leitura das **Memórias do Cárcere**. A mesma ilha mostrou duas faces diferentes aos dois presos diferentes: para um foi pena, terror, razão para rebelião; para o outro, o convite de aceitar a vida na sua infinitude de expectativas e promessas.

P.: *Na sua ilha o senhor teria descoberto uma nova natureza e uma nova literatura, da qual até hoje se tem ocupado. Em suas viagens teria descoberto o Brasil e a Argentina e conhecido direta ou indiretamente muitos autores brasileiros e hispanoamericanos. Considera que sua relação com o Brasil e a literatura brasileira tem algo de especial nesse contexto? Por que a priorizou nas suas traduções?*

R.: Minha vida no Brasil iniciou-se pelo diálogo com as múltiplas classes da sociedade de São Paulo, seguida por períodos em Porto Alegre e no Rio. Posso dizer como formulei isso mais tarde, numa conversa com um escritor carioca: “Colhi minhas gírias na rua”. Assim aprendi o diálogo dos brasileiros, o estar convivente, sempre presente, da gente dessas terras. Os autores brasileiros e suas obras conheci só mais tarde, na Alemanha, retrospectivamente.

P.: *O senhor traduziu vários escritores brasileiros, mas é sobretudo conhecido como tradutor de Guimarães Rosa. Considera esse o seu melhor trabalho como tradutor? Poderia dizer que sua carreira de leitor-tradutor tem um divisor de águas em Guimarães? Curt Meyer-Clason antes e depois da ilha equivaleria a Curt Meyer-Clason antes e depois de Guimarães?*

R.: Quando de volta à Alemanha, tentei estabelecer uma existência como leitor, parecerista literário, tradutor e ensaísta. Traduzi o que me foi oferecido: romances, novelas, contos, poemas do inglês, do francês, do espanhol, do italiano. A literatura brasileira estava praticamente desconhecida no meu país. João Guimarães Rosa, o prêmio – para assim dizer – de minha aprendizagem literária na Ilha Grande, foi o meu primeiro trabalho de recriação, por própria iniciativa.

P.: *Em um texto sobre tradução, o senhor declara que esta, para ser boa, tem que se equilibrar entre a necessidade de a obra ser entendida pelo público da língua de chegada e o estranhamento que deve manter nesta para que algo da língua e da cultura de partida seja transmitido. Como vê hoje o seu trabalho em relação a esse desafio, essa espécie de fio de navalha que todo tradutor de literatura enfrenta?*

R.: Rosa: “Traduzir é conviver”. Eu tinha convivido com a terra dele. Assim é que consegui conviver com a obra dele, transformando-me no irmão gêmeo dele para escrever um novo livro na minha língua e no espírito dele. Com o desejo de recriar seu fluxo poético, sua escolha de palavras, o tom e a alma aberta da sua frase, seu conteúdo existencial, metafísico. Creio que hoje não conseguiria ultrapassar em “equivalência idiomática” – uma expressão de Rainer Maria Rilke – as minhas traduções da obra rosiana; quase poderia afirmar: dificilmente chegaria hoje a uma igual qualidade de expressão lingüística.

P.: *No texto “Die Aufgabe des Übersetzers”, Walter Benjamin propõe um processo de*

*trabalho de tradução que no nosso caso poderia ser chamado de “verportugiesischen” da língua alemã (citando Rudolf Pannwitz), uma opção que corresponderia à prática reiterada por Guimarães Rosa de criar novas palavras. Num texto seu sobre o trabalho do tradutor, o senhor menciona, por exemplo, a hipotética tradução de “ele almou” por “seelte er” e a dificuldade de isso ser aceito pelos leitores de língua alemã. Poderia explicar um pouco mais essa questão, já que outras invenções lexicais foram consideradas possíveis e concretizadas nas suas traduções da obra rosiana?*

R.: A recriação dos inúmeros neologismos do autor do **Grande sertão**, às vezes realizável, às vezes irrealizável, seria tema para um livro ou para um seminário para estudantes bilingües. Tentei, traduzindo os textos do autor sertanejo, obter uma equivalência idiomática, até formas e fórmulas ultra-novas e talvez incompreensíveis. Como por exemplo: “ele almou” por “seelte er”. No fim, na colaboração entre autor, tradutor e leitora da editora, foi resolvido cada caso discutido, com cuidado, paixão e a vontade de pedir ao leitor o máximo de curiosidade. Para melhor esclarecimento citarei a carta de Rosa de 14 de fevereiro de 1964, alargando-se sobre o tema em apreço:

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1964

Meu caro Meyer-Clason,

À véspera do Carnaval (ela demorou muito para chegar, por culpa do correio) tive a sincera, copiosa alegria de receber sua carta (a enviada de Ammersee, 22/1/63) – viva, completa, a fundo. Reli-a, já algumas vezes, e sempre com satisfação crescente. Além de leal e cordial prestação de informações, ela se fez uma “radiografia” perfeita da tradução, digo, do traduzir-da-tradução – como foi meditada, sopesada, planejada e realizada, isto é, em seus rumos, meios, viver e intento. Fiquei comovido, e encantado. Mal sei como agradecer-lhe.

Agradeço-lhe, muito, a cordial sugestão de poder eu passar os olhos nas provas tipográficas (*Fahnen*), anotando-as para revisão. Mas, por tudo que venho dizendo, prefiro abster-me disso. Não é necessário. Confiei sempre no meu Tradutor. Sua carta, agora, dá-me entusiasmada razão (Basta-me, por exemplo, poder extasiar-me com soluções iguais a esta “DORT KONNTE DER GEIST IN HORIZONTE AUSCREIFEN”). Sua orientação parece-me a melhor – em todos os seus rumos e rastros. A colaboração entendedora de Mário Calábria terá sido inestimável, valiosíssima. (Posso mesmo afirmar-lhe que ninguém, *nenhuma* outra pessoa, poderia prestar-nos auxílio tão importante. Não só por sua cultura, inteligência, firmeza, e outras qualidades, ou por ser meu amigo, mas, de modo muitíssimo especial, porque eu nunca vi ninguém com tanta argúcia, específica, para examinar um texto, em agudíssima análise e sustentado esmiuçamento crítico (e criador) – como Mário Calábria, ou, mesmo, que dele nisso se aproxime, aqui no Brasil. Conheço-o há muitos anos, e sempre, com espantado respeito, o vi fazer isso, fosse com escritos de serviço, fosse com páginas de literatura. Vou contar-lhe uma coisa. Eu, uma vez, perpetrei a tradução, do inglês para o português, de uma história de passarinho (“THE LAST OF THE CURLEWS”/ “O último dos

Maçaricos”). Pois bem, hoje sei que não teria conseguido fazê-la com nem ao menos 50% de resultado e efeito, não fosse a cooperação afetuosa de Mário Calábria, emprestando-me vivo seu “dispositivo ultra-verificador”, interpretador, e seus olhos do espírito).

E alegra-me também poder dizer-lhe que concordei, com tudo. Sua orientação básica, geral, as linhas que adotou, as coordenadas de linguagem e estilo entre as quais lúcida e licitamente se moveu, parecem-me as adequadas, certas, desejáveis – quase diria as únicas por que poderíamos segura e auspiciosamente optar. Graças a Deus! Assim, de saída, a solução da fala, a escolha do *hochdeutsch*<sup>1</sup> (mas “... *eine Kunstsprache, ein frei erfundenes Idiom*”,<sup>2</sup> de sua esclarecida lavra) e conservando, do original, “das *emotionale Pathos*” – a empatia poética com o autor. E o resultado visado: um livro fácil de ler, legível comodamente, e que “... *darf aber durch das Deutsch, das er liest, nie an Deutsches erinnert werden*”.<sup>3</sup> Exato. Magnífico.

Também, reconheço que o Dr. Witsch está com a razão. Há riscos que nem editor, nem tradutor, nem autor podem querer impunemente arrostar. É importante a gente visar a uma difusão mais ampla, concreta, humana, dos livros, para começar. Assim, também, jamais dei razão ao que escreveu o Nunes.<sup>4</sup> Ao contrário. Respondendo às Éditions du Seuil, que submetiam à minha escolha duas traduções diferentes do conto “Fatalidade” (do **Primeiras estórias**), reafirmei meu pleno aplauso e apoio ao JJ Villard,<sup>5</sup> a quem sou bem grato.

Mas, nada fala melhor, em favor de tudo isto aqui acima, que os exemplos que me traz. Exultei, com eles, fiquei entusiasmado. Vi como deu certo a “fidelidade” em sentido “funcional”, com que o meu Amigo entendeu bem e reproduziu melhor o desendiabrado Riobaldo. Achei admiráveis, todos. Adorei aqueles: “*krakeelend*” (para os papagaios), “*safttrzufenden Triften*”; “*Schauen Sie sehen Sie*”, “*Gott tst em Leisetrerer*”; “*Weisswasser*”, “*Mein Kopf war blei*”, “*befahl barsch*”; “*schindeten und schaendeten*”; “*Wie die Welle, wie der Wilie, une der Wind*”: “*jungfraulich weiss und ohne ein Schaumchen Schaum*”<sup>6</sup> (aqui, no começo da frase, só foi, talvez, pena não se poder aproveitar o “lambida” – acho que o verbo *lecken*,<sup>7</sup> ou algum seu composto, se casaria bem com o espelhado<sup>8</sup> da água da *vereda*), etc. etc. Todos E-magníficos – também os “trechos completos”, mais longos, no final da carta, *als Stichprobe*.<sup>9</sup>

(As únicas soluções que me pareceram menos excelentes um pouquinho foram os: “*Gipfel der Herrlichkeit*” (Seite 45) e “*und ich star im Zerutth*”<sup>10</sup> (esta, a única que achei realmente fraca) (Página 5 da carta). E é curioso como em ambos os casos se trata de exaltação e apogeu. Mas, mesmo isto, só me pareceram talvez menos boas, por virem ao lado das outras, tão ótimas.)

Enfim, sinto-me feliz, tranqüilo e cheio de certeza. Não tenho dúvida de que a tradução será a melhor, a mais válida, a que virá prestigiar no mundo o **Grande sertão: veredas**. (Por isto mesmo, estou “freando”, retardando os pedidos de edi-

<sup>1</sup> Alto-alemão.

<sup>2</sup> Língua artificial, um idioma livremente inventado.

<sup>3</sup> No entanto, não pode ser lembrado de nada germânico pelo alemão que ele lê.

<sup>4</sup> Cf nota 3, carta 27, de CMC, 22 11964.

<sup>5</sup> JJ Villard, no original.

<sup>6</sup> A tradução dos exemplos citados pode ser conferida na carta 27, de CMC, de 22 1 1963.

<sup>7</sup> Lamber.

<sup>8</sup> Espelha, no original.

<sup>9</sup> Como prova.

<sup>10</sup> “Cumes da maravilha”, “e morri no ponto mais alto do céu”.

toras sueca, norueguesa, finlandesa, e da Iugoslávia e Tchecoslováquia – até que a nossa edição alemã seja publicada, podendo servir, àquelas, como tradução-mãe, básica e orientadora).

Daí pode imaginar o meu reconhecimento, de como dou graças a Deus pelo feliz conjunto de circunstâncias que aí se armaram providencialmente em meu favor. Haver um Curt Meyer-Clason (recorde nossa inicial correspondência, há cerca de 5 anos, primeira sementinha de tudo), haver um Dr. Witsch – e ambos terem acreditado em mim, nos meus livros. E, não menos estar aí em Muenchen o nosso grande Mário Calábria, de tão forte e dedicada ajuda. (Não me parece sem algum significado misterioso que M C valha por iniciais de ambos, vou estudar isto .)

P.: *Na mesma direção e, completando a pergunta anterior, gostaríamos de saber se hoje em dia existiria uma concepção ou percepção da língua mais próxima desse processo de criar palavras e deixar o leitor/a leitora numa situação de maior estranhamento? Há 40 anos atrás isso não teria sido mais difícil? Enfrentou resistência para fazê-lo, junto a editores, críticos e demais leitores?*

R.: Não existe hoje em dia uma concepção ou percepção da língua mais próxima desse processo de criar palavras. Obras de difícil leitura como a de Guimarães Rosa não apareceram no mercado livreiro alemão dos últimos anos.

P.: *Num texto sobre a tradução do **Grande sertão: veredas**, o senhor explica que esse estranhamento pode ser conseguido nos níveis léxico e tônico mas que é mais difícil, senão impossível, produzi-lo pela sintaxe. Ou seja, as rupturas sintáticas que Guimarães Rosa introduz no português escrito não poderiam ser reproduzidas em língua alemã, porque iriam contra a própria índole da língua. Entretanto, em suas traduções de poemas brasileiros muitas vezes acompanha as rupturas da sintaxe. Seria diferente na prosa, mesmo uma prosa poética como a de Guimarães? Os leitores alemães aceitariam rupturas da sintaxe na poesia e na narrativa ficcional não? Poderia explicar melhor esse ponto para os leitores brasileiros?*

R.: A diretiva talvez mais significativa para este tema provém da pena de Alexander von Humboldt que viajou oito anos através da América Latina (1797-1805). Sua exigência para uma tradução assentada reza: “Die Farbe der Fremdheit” – a cor do estranho, do estrangeiro. Nada mais convincente e certo: recriar e integrar o estranho na oralidade caseira, acostumada. Assim o olhar do leitor alemão é atirado além-mar, em vez de colado à paisagem nacional. Creio que a ruptura da sintaxe na tradução de um poema e de uma prosa brasileiros oferece a mesma dificuldade e exige o mesmo cuidado. Hoje em dia, quando textos de jovens alemães permitem-se vastas liberdades de expressão e de estilo, as novidades sintáticas rosianas seriam aceitas com natural simpatia.

P.: Ainda no livro **Ilha Grande** o Senhor alude ao célebre “penso, logo existo”, de Descartes, parodiando-o em “canto, logo existo” e, depois, em “sinto, logo existo”. Muitos estudiosos de Guimarães (baseados muitas vezes na opinião direta ou indireta do próprio) insistem no seu anti-cartesianismo. Nesse sentido, o senhor diria que o seu renascimento na ilha o faria descobrir um modo anti-cartesiano de pensar-sentir-cantar que o predisporia a afinar com a arte de Guimarães Rosa e, portanto, a constituir-se em seu tradutor ideal?

R.: “Canto, logo existo” – é minha invenção, talvez um pouco ousada. Guimarães Rosa falava ocasionalmente de um “sentir-pensar”, isto é: da união de dois elementos contrários, mas não como anti-cartesianismo, mas simplesmente como integração do mundo sertanejo, melhor dito: do ser e estar brasileiros. Seu discurso de gratidão na Academia Brasileira de Letras no ano 1967 terminou com as palavras: “As pessoas não morrem, ficam encantadas. O mundo é mágico. Aqui é Cordisburgo”. O Primeiro Mundo, a Europa, vive em três dimensões, soberbamente, portanto: *cogito ergo sum*, conforme Cartesius. O Brasil, Terceiro Mundo, vive num mundo mágico, vasto, pluridimensional, original. A sua magia é parte integral, independente, do mundo brasileiro, ela não é uma aquisição emprestada filológica, filosófica, mas a raiz genuína.

P.: Em seus textos sobre Guimarães Rosa, o senhor escreveu que a busca por uma editora alemã visara encontrar uma casa que possuísse uma certa compreensão da obra do escritor. Como e por quê se deu a decisão pela Kiepenheuer & Witsch?

R.: No intuito de encontrar uma editora, digna da obra de JGR, eu tinha apresentado uma prova de tradução de **Grande sertão** ao Dr. Joseph Witsch, o cultivadíssimo diretor de Kiepenheuer und Witsch, de Colônia, uma das editoras mais prestigiadas do meu país. Editor e autor se encontraram. O editor pediu ao autor para contar algo da sua vida e obra. Depois de uma hora de conversa o editor declarou: “Vamos publicar sua obra”. Isto foi num tempo em que um editor alemão de cultura e importância ainda se decidia por uma obra, e não por um só livro, como hoje em dia, com os olhos para a receptividade do mercado.

P.: Depois da publicação de **Grande sertão: veredas** em alemão, havia leituras públicas, talvez com presença do autor, para apresentar o livro aos leitores alemães? Como foi a reação do público alemão? Qual era a sua impressão da compreensão dos leitores ou ouvintes alemães, quais foram os aspectos que receberam atenção especial, ou pelo contrário, quais não foram realizados da maneira que o senhor esperava?

R.: Numa carta ao seu amigo, o cônsul em Munique, JGR escreve, entre outras coisas:

Mas, sabem, em setembro de 1964, meu **Grande sertão** era lançado ao público, de esplêndida forma, na Feira de Frankfurt. O efeito foi sério, a acolhida da parte dos leitores ultrapassou minhas mais ousadas esperanças. Comovem-me os artigos, notas, resumos radiofônicos, que, até hoje, continuo recebendo de todas as partes da Alemanha, da Áustria, da Suíça. Tive para o **Grande sertão** a generosa compreensão e o aplauso dos admiráveis leitores de língua alemã, e que, ainda espero venham conceder também ao **Corpo de baile**, já no prelo, e ao **Primeiras estórias**, que Meyer-Clason agora traduz, magnificamente, e ao **Sagarana**, que ele irá traduzir, logo depois.

E, naquela ocasião, estando eu outra vez na Alemanha, o Dr. Joseph Witsch convidou-me até Colônia. Foram dias de festa, isto é, de cordialidade e de agitação. Tonteei, confesso, entre almoços, banquetes, *cocktails* e entrevistas. Sempre, porém, em um ponto, a meu lado ou no fundo da cena, um ente providencial vigiava, conduzia quase tudo por fios sutis, animava-me, era o centro anímico daqueles ritos de afeto e espírito. O Dr. Witsch resumia, como em lúcidas fórmulas incisivas, as minhas longas e emaranhadas explicações sobre a obra, facilitando-me a tarefa. E eu mesmo via tudo mais claro e válido, a meu respeito, quando ele me restituía, filtradas, minhas tentativas de exegese. Até aquela manhã de sábado, em que dele me despedi, na Livraria da Universidade, eu fatigado e exausto, e ele *frisch und munter*, estimulava-me, ainda, até ao último abraço.

P: *No mesmo contexto, outra pergunta: Qual é sua avaliação pessoal, depois de quase 40 anos, da recepção de Guimarães Rosa no mundo de língua alemã? Qual é o papel ou a importância desse autor na Alemanha, em comparação com outros escritores brasileiros?*

R.: O valor da obra do mestre sertanejo não diminuiu nas mentes dos seus legítimos leitores alemães. Só que o interesse pela literatura brasileira diminuiu, para não dizer que morreu. Mesmo Jorge Amado parece que desapareceu da superfície literária do âmbito da língua alemã. É difícil julgar porquê. Parece que hoje em dia o estilo norteamericano prevalece, a importância do dia-a-dia, a voltagem imediata, a sensualidade do momento, a passagem fulminante.

P: *Com muita razão o senhor é considerado pioneiro na introdução da Literatura Brasileira na Alemanha. Comparando com a geração que o senhor traduziu e introduziu neste País, como vê os autores de hoje em dia que estão sendo traduzidos para o alemão? Que presença têm no mercado alemão e como avalia o trabalho da nova geração dos tradutores e mediadores da Literatura Brasileira?*

R.: Vejo de vez em quando um título brasileiro numa vitrina de livraria. Mas não críticas entusiastas nem leituras oficiais ou públicas. Não soube de tradutores novos que teriam vivido e estudado no Brasil. Nem notei entusiasmo como na recepção passada de **Grande sertão**.

P: *Uma última curiosidade, aproveitando que o seu testemunho sobre a estada de Guimarães Rosa na Alemanha é valioso, porque além de tradutor foi amigo do escritor brasileiro. O que ele pensava sobre o tempo que passou em Hamburgo no início dos anos 40? Sobre a situação na Alemanha sob o chamado terceiro Reich? Sobre o povo alemão? Sobre o seu próprio trabalho de diplomata? Os senhores conversavam sobre esses temas? Na verdade, há poucas informações sobre o trabalho e as impressões dele nesse tempo em que exerceu a diplomacia aqui, como ele via esse trabalho, o que pensava, com quem tinha contato, etc. Se o senhor puder falar um pouco disso tudo ou se quiser acrescentar algo que não foi tocado em nossas perguntas, a palavra é sua.*

R: Como poliglota, JGR, ao chegar em Hamburgo no ano 1938, para preencher o seu primeiro posto diplomático de vice-cônsul, até 1942, o ano do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, mostrava respeito e curiosidade pela herança cultural clássica, transcendente do país; como conhecedor do idioma alemão ele sentiu a crescente banalização da língua literária, a invasão dos americanismos cotidianos, a perversão brutal do fascismo alemão. Com seu tato inimitável protegeu judeus alemães e ajudou-os na emigração para o Brasil. Depois do seu regresso ao Rio, JGR exerceu postos em diversos países, mas aborrecido com a vida estética-social diplomática, voltou cedo ao Itamarati para dirigir a Secção das Fronteiras, atividade que lhe permitiu cultivar e viver a sua paixão: a escrita, sua, sertaneja, mística, existencial, futura. Levantando a cabeça da sua escrivania, aspirou o cheiro longínquo dos bois nos campos sertanejos, fechou os olhos e já estava em casa, inspirado para criar. E assim até o dia de sua morte, em novembro de 1967.

Terminando minhas observações queria chamar sua atenção para a Dissertação de Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti, sobre a correspondência inédita entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason (23/1/1958 a 27/8/1967), Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas, São Paulo, 1997, 487 páginas.

-11-

Como poliglota, JGR, ao chegar em Hamburgo no ano 1938, para preencher o seu primeiro posto diplomático de vice-consul, até 1942, o ano do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, mostrava respeito e curiosidade pela herança cultural clássica, transcendente do país; como conhecedor do idioma alemão ele sentiu a crescente banalização da língua literária, a invasão dos americanismos cotidianos, a perversão brutal do fascismo alemão. Com seu tato inimitável protegeu judeus alemães e ajudou-os na emigração para o Brasil. Depois do seu regresso ao Rio JGR exerceu postos em diversos países, mas aborrecido com a vida estética-social diplomática, voltou cedo ao Itamarati para dirigir a Seção Das Fronteiras, atividade que lhe permitiu de cultivar e viver a sua paixão: a escrita, sua, sertaneja, mística, existencial, futura. Levantando a cabeça da sua escrivadinha, aspirou o cheiro longínquo dos bois nos campos sertanejos, fechou os olhos e já estava em casa, inspirado para criar. E assim até o dia de sua morte, em novembro de 1967.

Terminando minhas observações queria atirar sua atenção à Dissertação de Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti, sobre a correspondência inédita entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason (23.11.1958 a 27.8.1967), 487 páginas: Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas, São Paulo, 1997.

*Resposta calorosamente*  
Curt Meyer-Clason

Resposta à última questão da entrevista, aqui reproduzida, de Lígia Chiappini com Curt Meyer-Clason.

Curt MEYER-CLASON  
Ludwig-Graub-Strasse 48  
81675 München  
Tel. 089 / 47 29 11

München, 9 de novembro de 2007

Excelentíssima Senhora Profª  
Lúcia Pereira Duarte,

Muito prazer, encantado, sua amável  
leitura de dia 17 de outubro, acompanhado  
pelo programa com recursos do II Seminário  
Internacional Rosa.

Em face da suposta participação  
de Tibiricurus - me dê a gentileza de  
passar a senhora e sua generosa promoção de  
envio-me, em carta-linha, a Scripta a ser publi-  
cada.

Porém aqui o oportuno é o presen-  
tativo e instrutivo da participação, embora seja  
oportuno, os recursos do programa, tão genéri-  
camente planejado e preparado para a senhora,  
senhora Vereadora Luciana Profª.

Muito mais uma vez minha congratulação  
desejo e os meus votos de sucesso para  
seu trabalho e sua atividade tão futura  
e produtiva.

Sempre em dedicação admirada, e  
deixe os trabalhos aqui, em português, a  
qualquer hora -

Com os melhores cumprimentos,

Curt Meyer-Clason

Carta de próprio punho de Curt Meyer-Clason, que não pôde participar, por problemas de saúde, do II Seminário Internacional Guimarães Rosa.